

Três culturas em contacto: imagens de França no arquipélago dos Açores segundo dois viajantes ingleses

Leonor Sampaio da Silva

Universidade dos Açores/CHAAM

RESUMO:

Quando os irmãos Bullar desembarcaram em São Miguel em novembro de 1838, encontraram uma realidade cultural muito diferente da do seu país de origem, a Inglaterra. Tudo nas ilhas visitadas constituiu, então, como acontece frequentemente nos escritos de viagem, um incentivo a que os autores recordassem, para efeitos de contraste, as vistas, a tradição literária e os costumes que lhes eram familiares. É sabido que a visão do Outro reaviva a consciência da identidade própria. Mas a viagem dos Bullar proporcionaria uma série de outros encontros complementares ao que se esperaria das deambulações de dois viajantes ingleses em território português. Uma terceira cultura – a francesa – é trazida ao convívio dos leitores de *A Winter in the Azores and a Summer at the Baths of the Furnas (1841)/Um inverno nos Açores e um verão no Vale das Furnas (2001)*.

A presente comunicação concentrar-se-á, assim, nas passagens do livro escrito por Joseph e Henry Bullar que evocam a França e os franceses, e procurará não só identificar os elementos pertencentes a esta cultura que impregnam dois sistemas linguísticos e sociais tão diferentes como são o português e o inglês como também refletir sobre o modo como esta influência se manifesta tanto nos visitantes como nos visitados, ambos partilhando origens insulares mas distantes em quase tudo o resto. Uma vez editado, o livro dos Bullar foi, no mesmo ano de publicação (1841), apresentado ao público francês através de uma nota saída na *Revue de Paris* (n.º XXXII). Já o público português teria de aguardar mais de cem anos pela tradução portuguesa do livro, cuja primeira edição data de 1949. As representações do arquipélago destinadas aos ingleses, aos franceses e aos portugueses constituem um sinal de como autores, críticos e tradutores se assemelham (Cronin, 2005), procurando, cada um com os meios de que dispõe, fazer circular saberes, vencer a resistência de cada cultura a dar-se a conhecer ao exterior e, por conseguinte, colaborar no complexo mecanismo de encontro de culturas.

Palavras-chave: Açores, Joseph e Henry Bullar, Inglaterra, França, viagem, cultura, literatura, tradução, crítica literária, identidade.

### 1. Contextualização do estudo

O estudo aqui apresentado retoma questões que têm merecido a atenção da comunidade académica desde que, nos anos 70 do século XX, a constituição dos Estudos Culturais veio trazer novos sentidos a conceitos como cultura e identidade, que doravante assumiriam um carácter não fixo, não monolítico e não idealizado. Não irei explorar a dimensão mutável e

híbrida destes conceitos, pois interessa-me, para o caso presente, explorar o último ponto. Parte do abandono da idealização consiste em situar a experiência pessoal e social não no território simbólico da nação, mas num conjunto de arenas em que conflitos de vários tipos abrem fraturas no campo social ao invés de consolidarem sentimentos de unidade e ideais de harmonia social. A cultura já não é uma forma de os indivíduos superarem as suas imperfeições ou de neutralizarem a anarquia, como acreditava Matthew Arnold no século XIX, nem a identidade é o espelho de uma essência nacional. Ambas constituem armas na luta pelo poder e pela afirmação de grupos sociais específicos. Tanto a cultura como a identidade tornaram-se categorias complexas num mundo em constante mudança. Podemos, com base no que sabemos hoje de como elas vão recebendo influências de contextos históricos, sociais e discursivos, observar com outros olhos as narrativas identitárias do passado, nas quais podem ser incluídos os escritos de viagens. O relato de viagem que me propus analisar, escrito por dois irmãos ingleses, não constitui exceção. Apesar de a realidade aí descrita se encontrar nalguns aspetos bastante alterada, o texto inglês e a sua receção em França permitem-nos enquadrar a sensação de pertença no interior de práticas discursivas que demonstram quer a importância da leitura e da escrita para a formação de visões unificadoras com a cultura de origem, quer o antagonismo (mesmo que erudito e elegante) que acompanha o discurso sobre o Outro.

E ao concluir esta breve contextualização do estudo que propus para este colóquio não consigo deixar de pensar no final de um excerto de Santo Agostinho em que ele fala da dificuldade que pessoas que falam línguas diferentes sentem em reconhecerem que partilham a mesma natureza humana, no qual ele afirma que, nestes casos, o homem sente mais prazer na companhia de um cão do que na de um estrangeiro.

## 2. A França e os franceses: inventariação das referências

A primeira vez em se ouve falar de França é no segundo capítulo, na entrada relativa ao dia 7 de dezembro de 1838. Um dia depois de terem desembarcado em Ponta Delgada, os irmãos Bullar são convidados para o baile de aniversário de Maria Guilhermina Taveira de Brum, que viria a casar com José do Canto, figura central do desenvolvimento de São Miguel, bibliófilo e personalidade quem se ficou a dever, entre outras coisas, a construção da doca de Ponta Delgada. Maria Guilhermina celebrava então os seus 12 anos. Por ser órfã de pai, entrava, apesar de muito jovem, na maioridade. Ao descreverem o exterior da casa da aniversariante, os autores encontram semelhanças com os hotéis privados da aristocracia francesa no Faubourg Saint Germain, distrito parisiense que viria a ser conhecido por essas residências citadinas. Além do exterior, merece também menção o interior da casa, cujos salões, «espaçosos e mobilados com bom gosto» estavam decorados com móveis vindos de Paris. Também o vestuário e as danças são alvo de comentário, por causarem nos visitantes a impressão de se encontrarem num salão de baile inglês ou francês, ficando registada a surpresa decorrente da ausência de qualquer traje regional. (13) **CASAS**

Se a primeira referência à França indicia o reconhecimento deste país como matriz de civilidade e bom gosto, o que volta a acontecer algumas páginas depois quando, a propósito do modo de vestir das classes altas, se diz que adotaram «as modas inglesas e francesas, de chapéus, xales e vestidos» (24) e mais à frente no relato, quando se afirma que as gerações

mais novas das famílias açorianas abastadas conhecem França e Inglaterra, trazendo, do primeiro país, botas e do segundo casacos («Alguns rebentos novos destas famílias têm estado em Inglaterra e em França, de onde trouxeram botas francesas e casacos ingleses, assim como mais largas vistas e necessidades.» p. 115), convém sublinhar que esta apreciação generosa de França não exclui a Inglaterra, aparecendo os dois países associados como modelos a seguir no campo da moda e da decoração das casas.

Depois destas três referências simpáticas, em quarenta casos de alusões à França, as restantes imagens que os ingleses oferecem aos seus leitores são menos generosas. Quando surge outra oportunidade de comentar o vestuário dos açorianos, o estrangeiro vê-se privado de dignidade. O açoriano de meia idade sentado nos degraus de uma igreja, em lugar de destaque, «todo vestido de castanho – chapéu, casaco e calças» – é ridicularizado ao ser comparado a «um bombom de chocolate de Paris» (p. 95); a França, não sendo diretamente visada pelo humor sarcástico inglês, acaba por ser apanhada nas teias da antipatia britânica por uma cor que só deve ser usada, segundo o código de vestuário dos ingleses, no contexto de um fim de semana campestre envolvendo atividades ao ar livre, como a caça.

Ao longo do relato, as alusões a França e aos franceses vão sendo gradativamente maliciosas, servindo ora para ilustrar as semelhanças entre as duas comunidades estrangeiras (a portuguesa e a açoriana) ora para estabelecer, por contraste com elas, a supremacia cultural dos ingleses. É o que acontece quando a 10 de Dezembro do mesmo ano de 1838, quatro dias depois de terem chegado a São Miguel, os autores comparam as estreitas ruas de Ponta Delgada às igualmente estreitas ruas de Paris (18), ou quando situam os cemitérios de Ponta Delgada quase ao nível dos de França, onde apenas se vê «uma frágil cruz de madeira» (p. 28), enquanto os cemitérios ingleses se caracterizam por imponentes lápides funerárias. O mesmo tema volta a suscitar interesse, já em Lisboa, aquando da visita que fazem ao cemitério inglês, «onde Fielding se encontra sepultado», que consideram muito melhor do que o «frívolo Père-la-Chaise» (p. 317).

Durante a visita ao Faial, a comparação dos jardins faialenses com os franceses serve para nos apercebermos da distância a que o gosto inglês se encontrava das opções paisagísticas predominantes em França: «Os jardins do Faial [...], ainda que dispostos segundo o estilo e a forma francesa, com atalhos rectangulares que se cruzam, têm grande beleza» (156). Aqui, a conjunção subordinativa concessiva *ainda que* espelha uma oposição entre as preferências inglesas e francesas que, no entanto, não priva os jardins açorianos de grande beleza, ao contrário – é o que se depreende – dos franceses.

No respeitante aos cuidados pessoais, os autores encontram semelhanças entre as expressões da vaidade feminina nos Açores e em França: o cuidado que as açorianas põem no arranjo do cabelo origina uma comparação com as damas de honor francesas, fazendo do ato de pentear «tarefa de tal modo exigente e trabalhosa como a de uma dama de honor francesa, ao ocupar-se do arranjo da parte mais difícil da ‘toilette’ da sua ama» (p. 154).

As semelhanças tanto são encontradas no universo requintado da vida citadina como no da ruralidade mais descuidada. Ao chegarem a uma taberna na Ribeirinha, os autores evidenciam o estado mais desenvolvido do mundo rural inglês. Recordam, para o efeito, as palavras do

inglês William Cobbett, publicadas em 1829.<sup>1</sup> «A casota» micaelense «pouco melhor era do que a de um francês, que Cobbett classifica como “um telheiro com um monte de estrume à porta”.» (p. 293)

Na mesma linha de pensamento, concluem os autores a partir de acontecimentos ocorridos durante as lutas liberais que os açorianos são capazes de atos de grande crueldade e covardia, comparáveis «a alguns dos piores crimes cometidos em Paris no reinado do Terror» (p.285).

De igual modo, as refeições servidas aos viajantes ingleses fazem lembrar hábitos alimentares franceses: «os nossos jantares apresentam quase a mesma variedade das ceias de Henrique IV – *poulets à la broche, poulets en ragout, poulets en hachis, poulets en fricassées*» (p. 119). De igual modo, quando se menciona o vinho regional, usa-se a expressão francesa «vin du pays», para se clarificar logo a seguir que é «raramente agradável ou sequer tragável» (p. 120).

O tema da alimentação volta a ser abordado no final do livro. Desta vez, o assunto tem origem na grande quantidade de micaelenses gordos, de ambos os sexos, que os autores dizem ter encontrado nas suas deambulações pela ilha. Imbuídos de uma intenção moralizante, cara ao espírito da época, comparam os hábitos alimentares e o estilo de vida de vários povos com o objetivo de enaltecer os hábitos saudáveis dos ingleses, apreciadores de práticas físicas e desportivas. A menção aos franceses surge ao lado dos escoceses, dos irlandeses, dos americanos, e, como não poderia deixar de ser, dos ingleses e dos açorianos. Procurando uma explicação para a gordura dos açorianos, diz-se que os escoceses não engordam por excesso de atividade mental (pensam demais), os irlandeses por excesso de pobreza e irritabilidade, os americanos por excesso de atividade comercial e os ingleses, que de todos são os que melhor se alimentam, mantêm a boa forma devido aos hábitos de exercício físico que os ajudam a manter-se fortes e saudáveis. Quanto aos franceses, o seu «apetite devorador» poderia levar ao aumento da matéria adiposa. No entanto, a desconsoladora dieta que caracteriza o seu quotidiano – à base de pão, feijões, ervilhas secas e água-pé – protege-os contra a acumulação de gordura: «Mas como podem eles engordar com pão, feijões, ervilhas secas e água-pé?» (p. 275).

A aparência anafada dos açorianos é um dos raros casos em que divergem as duas culturas sobre que recai o olhar inglês. Noutros momentos, as semelhanças entre os açorianos e os franceses não são apenas evidentes como proporcionam comentários que inferiorizam estas duas culturas. Um desses casos é formulado a partir das semelhanças religiosas que unem os dois povos. O texto inglês critica o modo descuidado como o Catolicismo vota ao esquecimento os seus conventos, mosteiros e demais monumentos. Para reforço da sua argumentação, os ingleses citam Chateaubriand quando este afirma «que ‘a Religião católica tem coberto o mundo com os seus monumentos’; e [se] pergunta ‘que há feito o

---

<sup>1</sup> *Advice to Young Men, and (incidentally) to Young Women in the Middel and Higher Ranks of Life in a Series of Letters Addressed to a Youth, a Bachelor, a Lover, a Husband, a Father, a Citizen or a Subject*, London: Anne Cobbett, 1842, versão digital acessível em: <http://books.google.pt/books?id=x51YAAAACAAJ&pg=PA88&lpg=PA88&dq=%22+a+shed+with+a+dung-heap+before+the+door%22&source=bl&ots=Bm-KYUaZFW&sig=OVZ8QKwkJxalSu8c8BOqO0R8Go&hl=en&sa=X&ei=fixxVI7IMaOf7gbqioDIDA&ved=0CwQ6AEwAw#v=onepage&q=%22%20a%20shed%20with%20a%20dung-heap%20before%20the%20door%22&f=false>

Protestantismo, com três séculos de existência, e em posição sólida na Inglaterra, na Alemanha e na América? Mostrar-vos-á as ruínas que tem causado, por entre as quais tem plantado hortas e estabelecido fábricas.’» O objetivo desta citação colocada imediatamente depois da crítica ao desprezo das autoridades açorianas pelo património religioso é retirar credibilidade às palavras proferidas pelo francês, que o texto inglês considera serem reveladoras de «ingenuidade de espírito, parente próxima da vanglória e da hipocrisia.» (p. 82)

A citação de obras francesas constitui um conjunto importante deste relato, servindo diversos propósitos. No caso de Chateaubriand, pretende-se desacreditar um escritor conceituado. Noutros momentos, a intenção é fundamentalmente informativa. Ficamos a saber que nas casas dos açorianos instruídos, as principais leituras eram feitas em português, francês e latim, que a educação formal se desenvolvia com base no latim e no francês e que do estrangeiro chegavam sobretudo obras de autores franceses. A autoridade de Santa Cruz das Flores «falava francês e possuía pequena colecção de curiosidades naturais” (p. 232). Na pequena biblioteca do sobrinho do administrador das Lajes das Flores, os autores encontram o romance didático de Fénelon, *As aventuras de Telémaco*, originalmente publicado em 1699 (p. 230). Já da residência do tio, se diz «A sua casa, nova e vazia, continha apenas algumas cadeiras e várias litografias francesas.» (p. 224). Os autores encontram, noutra casa, «uma bela edição francesa de Virgílio, um curioso volume das Odes de Horácio com tradução francesa, em prosa, três gramáticas das línguas francesa, latina e portuguesa [...] e uma tradução francesa de Ésquilo.» (p.106); numa ocasião diferente deparam-se com versões francesas de vários romances de Sir Walter Scott (p. 115). Numa passagem em que avaliam negativamente o desempenho intelectual dos portugueses, povo que, segundo os autores, se distingue «de modo singular entre as nações civilizadas da Europa pela sua falta completa de escritores no actual momento», aparece nova referência ao francês: «As classes cultas lêem em geral o francês, havendo nos livreiros e nos catálogos muitas obras francesas modernas e os costumados clássicos, Corneille, Racine, Molière, La Sage, etc., bem como larga cópia de traduções portuguesas das obras de Voltaire e de Rousseau e de outros romancistas franceses obscuros.» (p. 318)

Na sequência dos comentários sobre a ausência de escritores portugueses, em conversa com ingleses residentes em Lisboa ficam os autores a saber que os livros de Voltaire e de Rousseau constituíram uma leitura muito popular vinte anos antes, mas que «entraram felizmente em declínio no gosto público» (319). A razão para uma apreciação tão negativa é explicada: «as ironias de Voltaire e as teorias selváticas e utópicas de Rousseau» procuram abalar as instituições políticas e religiosas, fazendo das nações que as acolhem lugares «frívolos» e «descrentes». Não se pense, todavia, que a impermeabilidade dos portugueses a estas ideias resulta de uma resistência informada e consciente às propostas revolucionárias; acontece em Portugal apenas que «a força da inércia dos portugueses» é em tal grau elevada que «exige maior e mais persistente esforço para ser vencida».

Portugal perdeu as principais qualidades que os tempos modernos requerem e que muito distam das antigas virtudes romanas e cristãs – espera-se de uma «grande nação comercial (a espécie de grandeza do mundo moderno)» que a sua população tenham aquilo que causa distinção entre os indivíduos: «actividade mental», «perseverança indomável», «prudência» e «rigorosa observância da honestidade convencional». Os portugueses «poucas ou nenhuma

destas qualidades mercantis ou morais parecem possuir», não sendo de estranhar que «fiquem para trás na corrida actual das nações à cata da riqueza».

Conclui-se esta análise com uma citação de Rousseau sobre o modo como a natureza, na sua atuação sábia, consegue nivelar desequilíbrios, dotando os espíritos com a fertilidade que recusou à terra – «comme si la nature voulait ainsi égaliser les choses, en donnant aus esprits la fertilité qu'elle refuse à la terre». Todavia, o remate que fecha esta análise e o capítulo retira ao escritor francês a argúcia: «Mas tal desculpa dificilmente serve aos portugueses.»

Se a imagem final dos portugueses é a de um povo sem qualidades comerciais ou morais, a dos franceses é a de uma nação de bêbados que, mesmo estando sóbrios, nada dizem de aproveitável. O recurso a uma passagem da poesia de Boileau

Le vin au plus muet fournissant des paroles,  
Chacun a débité ses maximes frivoles,  
Régulé les intérêts de chaque potentat,  
Corrigé la police et réformé l'état;  
Puis, de là s'embarquant dans la nouvelle guerre,  
A vaincu la Hollande ou battu l'Angleterre.

confere uma legitimidade reforçada ao ponto de vista dos ingleses. A diferença entre estes compatriotas de Boileau e os companheiros de viagem franceses dos irmãos Bullar no regresso a casa é que os segundos não precisaram do vinho «para lhes realçar os atributos» («não necessitam, porém, de vinho, para lhes realçar os atributos»).

A referência a passagens de autores franceses tem ainda o interesse de nos mostrar o percurso dos textos e a influência de instâncias mediadoras, como críticos, recenseadores e editores.

Tomemos como exemplo uma passagem de uma peça de Alexandre Dumas, pai, de 1831, intitulada *Napoleon Bonaparte*, na qual uma das personagens, Lorrain, diz a propósito dos homens andaluzes que eles são «des manteaux qui marchent et une épée qui relève – voilà tout». No contexto da sua formulação original, estas palavras procuram verbalizar a imagem visual dos homens andaluzes; no contexto do relato dos irmãos Bullar, elas pretendem representar outra imagem: a das mulheres micalenses envergando os pesados capotes e capelos azuis, «caminhando vagarosas, solenes e pausadas» (p. 30). Os Bullar citam uma versão truncada da passagem original, encontrando-se ausente a referência às espadas. A omissão às espadas pode justificar-se pelo facto de ela criar uma inconsistência com o universo feminino retratado, mas também poderá dever-se a outra razão. A citação poderá ter sido colhida não da obra de Dumas, mas de um artigo publicado em abril de 1839<sup>2</sup> na revista muito lida ao tempo, *London Quarterly Review*, nº 126, e que sabemos que os Bullar assinavam por terem registado com agrado a chegada de um dos números durante a estada nos Açores, a 8 de fevereiro de 1839.<sup>3</sup> A versão citada no texto inglês transcreve a formulação incompleta

---

<sup>2</sup> recensão ao livro de viagens do Capitão C. R. Scott, autor de *Excursions on the Mountains of Ronda and Granada, with Characteristic Sketches of the Inhabitants of the South of Spain*, publicada na *London Quarterly Review*, nº 126, abril de 1839

<sup>3</sup> «Recebemos *Nickleby*, de Inglaterra, bem como o último número da *Quarterly*» (p. 83).

desta passagem na revista londrina – «des manteaux qui marchent, voilà tout» - suscitando dúvidas sobre a fonte lida pelos ingleses.

Este não é o único caso em que a citação de passagens em francês leva a pensar que a fonte poderá ter sido anglófona. Na entrada relativa ao dia 10 de Março de 1839, deparamo-nos com o seguinte excerto em francês: «Puisque le jour peut lui manquer, laissons-le un peut jouir de l’Aurore» (p. 114). As palavras citadas referem-se ao modo como se encara a infância, uma idade que poderá não chegar à vida adulta, justificando-se, assim, que se deixe as crianças aproveitarem esta fase da vida com alegria e despreocupação. Vem esta afirmação a propósito das condições de liberdade de que gozam as crianças açorianas. À semelhança do caso anterior, também podemos situar esta citação no âmbito de fontes anglófonas. A mesma *London Quarterly Review* apresenta-as, no seu número 32, relativo aos meses de junho a outubro de 1825, a propósito das conversas com Lord Byron, ocorridas em Itália, durante o ano de 1823 entre este poeta e a condessa de Blessington. Esta passagem também ocorre num livro de uma autora americana, Mary Jane Mackenzie, *Private Life; Or, Varieties of Character and Opinion*, New York: Harper, 1829; London: T. Cadell, 1830. Dado o facto de terem sido tão divulgadas ao ponto de surgirem em diversas publicações em língua inglesa poucos anos antes da viagem aos Açores, fica novamente a dúvida sobre a fonte que terá usada pelos irmãos Bullar.

A figura do viajante equipara-se à do autor, crítico e editor enquanto facilitador de trocas culturais. Nas Caldeiras da Ribeira Grande, os autores conhecem Maria, rapariga do povo que ajuda o pai a cuidar dos banhos, e que, dotada de bom ouvido, canta a Marselhesa «tal como a ouvira da boca de um inglês que por aqui esteve» (p. 132)

Existem casos de citações de trechos franceses de que não foi possível encontrar equivalente em publicações anglófonas do tempo. Pertencem a este grupo dois excertos, um de um autor francês do século XVIII, Florian, e o outro um aforismo de fonte incerta. O primeiro, incluído num volume de novelas publicado postumamente, em 1826, de que fazem parte «Sancho: novela portuguesa» (de onde é retirada a passagem) e «Selmours: novela inglesa» (escrita em tom elogioso), poderá ter sido a fonte lida pelos autores britânicos. O trecho citado refere a reputação dos portugueses como povo para quem os assuntos amorosos são centrais.<sup>4</sup> O segundo trecho associa o carácter gracioso de uma açoriana que saltava descalça sobre rochas pontiagudas «levando num braço as roupas já enxutas e apanhando com a outra mão a saia que lhe dificultava o passo», ao sentido de um aforismo francês («Combien de l’art pour rentrer dans la nature», p. 166) e pretende sublinhar a importância do treino um resultado plenamente natural.

São ainda de notar situações em que a França é evocada através de autores a quem se reconhece valor, como é o caso de Alexis de Tocqueville,<sup>5</sup> ou através de personagens francesas

---

<sup>4</sup> «Ils semblent nés pour l’amour; c’est la grande affaire de leur vie; les plus grands sacrifices ne coûtent rien dès qu’il s’agit de cette passion» (p. 83)

<sup>5</sup> Encontramos duas citações de Alexis de Tocqueville, um autor francês muito conhecido em Inglaterra, país que ele visitou e sobre o qual também escreveu. Na primeira, compara-se um vale de pedras cinzentas próximo da Ribeira Grande e a descrição que Alexis de Tocqueville faz da parte deserta do vale do Mississipi – a paisagem desoladora nos Açores só encontra paralelo na América.<sup>5</sup> Na segunda citação, suscitada pelas inúmeras formalidades que tinham de ser cumpridas sempre que desembarcavam e

que integram obras inglesas. É disto exemplo, a citação de uma passagem em francês do livro de Laurence Sterne, a *Sentimental Journey Through France and Italy*, cuja primeira edição data de 1768, para efeitos de comparação do cavalo que o criado francês de Yorick, La Fleur, diz ser «le plus opiniatre dum monde» (p. 300) e os burros açorianos, que por muito familiarizados com os precipícios teimam em caminhar pela beira dos atalhos em vez de seguirem pelo lado mais seguro das veredas.

O peso da mediação discursiva aproximando povos e culturas faz-se notar por via de outro meio, além do texto verbal. Por duas ocasiões, a pintura é usada para trazer a França às páginas do relato. No primeiro caso, Gaspard Poussin, pintor francês, que alcançou notoriedade com as suas paisagens é referido no âmbito da descrição do vale das Furnas. Dizem os autores que este pintor decerto apreciaria o panorama verde que a paisagem açoriana oferece (p. 254). No segundo caso, evoca-se uma tela do pintor francês popularmente conhecido como Claude, em Inglaterra.

Na viagem para Lisboa, seguem com os irmãos Bullar dois irmãos açorianos que arrastam para bordo um «pesado e aferrolhado baú, atravancador, do tamanho e do formato daquele que puseram em frente da rainha de Sabá, no quadro do embarque desta por Claude» (p. 305). Apesar de se falar de um pintor francês, a obra situa-se no contexto inglês, não só por ter sido umas das primeiras obras adquiridas pela National Gallery, em 1824, mas também por pertencer ao espólio de John Julius Angerstein, um colecionador inglês, e integrar o núcleo a partir do qual a National Gallery se desenvolveu. Além disso, trata-se de uma tela cujas repercussões na arte inglesa podem ser comprovadas pela enorme influência que exerceu sobre o principal pintor romântico, Turner, que criou vários quadros a partir do modelo de Claude, o mais conhecido dos quais é a construção de Cartago por Dido, uma tela de 1815.

Claude Lorrain, Porto com o embarque da rainha de Sabá, 1648, 1,49x1,94 National Gallery, Londres

Turner, *Dido construindo Cartago* (1815). O quadro foi deixado em testamento ao fundo nacional com a condição de ser exibido ao lado do quadro de Claude, na National Gallery, em testamento datado de 1831 (1,55x2.30), por ter sido inspirado na marinha de Claude e por Turner considerar a sua obra-prima. Inicialmente ele tinha deixado escrito que desejava ir a enterrar envolto na tela, mas depois preferiu imortalizá-la ao lado da pintura de Claude. Apesar do tratamento diferente da luz, acompanhando também o facto de se retratar momentos diferentes do dia – a alvorada, em Claude, e o meio da manhã em Turner – as duas paisagens marítimas apresentam aspetos em comum, tanto do ponto formal como do conteúdo.

### 3. Interpretando as referências anteriores

---

embarcavam, em fundo contraste com o praticado na Grã-Bretanha, nas travessias entre Londres e Edimburgo ou Dublin e Liverpool, os autores voltam a citar Tocqueville para sublinharem a pequenez da política portuguesa: «Um Estado pequeno supre a falta dos grandes desígnios que não pode levar a cabo com a interferência vexatória e impertinente em grande número de pormenores insignificantes.»

Da identificação dos elementos acima referidos, resulta a percepção da distância cultural a que os ingleses se sentem quer da população visitada quer da cultura estrangeira por eles mais evocada com o intuito de acrescentar maior efeito de contraste na leitura do relato pelos seus conterrâneos, a francesa. Açorianos e ingleses partilham pouco mais do que origens insulares. Açorianos e franceses estão ligados por sinais exteriores de riqueza e de gosto, por uma ruralidade pouco desenvolvida, por crueldade sociopolítica, por laços religiosos que fertilizam uma moralidade hipócrita, por hábitos alimentares pouco diversificados e uma tradição textual que impregnou o percurso formativo e o gosto literário com uma matriz comum. Ingleses e franceses partilham algumas referências eruditas, em larga medida devido à influência da receção crítica, da tradução e da viagem.

A divulgação das obras editadas dos dois lados do canal da Mancha não era demorada. Uma vez editado, o livro dos Bullar foi, no mesmo ano de publicação (1841), apresentado ao público francês através de uma nota saída na *Revue de Paris* (nº XXXII). Já o público português teria de aguardar mais de cem anos pela tradução portuguesa do livro, cuja primeira edição data de 1949. Pouco extensa, esta nota de apresentação do livro confere centralidade a aspetos marginais no texto inglês. Depois de uma apreciação genérica,

«Há muito tempo que não líamos um diário de viagem escrito de forma tão simples e agradável» (p. 124).

o crítico francês destaca, logo no início da sua recensão, informações que o texto inglês remete para dois paratextos, o anexo sobre o clima e o anexo sobre a composição das águas. Para o crítico francês, importa, antes de mais, indicar a temperatura média do ar nos Açores, em comparação com Nice, e as características das águas sulfurosas das Furnas. Do relato dos ingleses, é sublinhada a vida simples ao ar livre, a beleza das travessias marítimas de uma ilha para a outra, a limpidez do ar puro que se respira nas ilhas. A sua atenção centra-se no ambiente romântico do arquipélago, incluindo no seu texto uma longa citação de um dos raros momentos em que os ingleses se ocupam de descrever as nuvens, a lua, as estrelas e o mar. de igual modo, é feito um rasgado elogio às vinhetas que ilustram o livro, sem as quais, lê-se, seria impossível perceber como são os trajes regionais:

«Imaginez, en effet, une casquette flasque en visière démesurement avancée, et soutenant, des deux côtés de la tête, une paire de cornes extravagante. Cela s'appelle une *carapaça*.»<sup>6</sup>

Nenhuma palavra é dedicada aos costumes açorianos, às semelhanças com a França ou à tradição literária que vai beber à cultura franco-latina parte significativa dos seus modelos matriciais. Dir-se-ia que a leitura do crítico francês foi rápida, superficial e centrada nos aspetos mais visíveis (ilustrações) e curtos (anexos) do longo texto inglês.

---

<sup>6</sup> O. N., autor de «Londres – correspondance littéraire», *Revue de Paris*, XXXII, 1841, acessível em: <http://books.google.pt/books?id=H349Za-HnIUC&pg=PA1&lpg=PA1&dq=%22Revue+de+Paris+XXXII%22&source=bl&ots=DzerdphBGg&sig=4lna7XDgRT-32bPx2SaFplVIC8&hl=en&sa=X&ei=iMkyVK70FYHksASwyYLgBg&ved=0CCkQ6AEwAg#v=onepage&q=%22Revue%20de%20Paris%20XXXII%22&f=false> (acedido em 06 de outubro de 2014).

As representações do arquipélago destinadas aos ingleses, aos franceses e aos portugueses constituem versões diferentes de uma realidade que nunca é apreendida na sua totalidade. Elas constituem, além disso, um sinal de como autores, críticos, tradutores e viajantes se assemelham (Cronin, 2005), procurando, cada um com os meios de que dispõe, fazer circular saberes, vencer a resistência de cada povo a dar-se a conhecer ao exterior e, por conseguinte, colaborar no complexo mecanismo de encontro de culturas, sem conseguirem, todavia, impedir uma observação subjetiva, filtrada pelas lentes da cultura de origem, ou arredondar a lâmina do antagonismo com que vão recortando a paisagem estrangeira.